O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratizacão mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano III | Volume 5 | Nº 14 | Boa Vista | 2021

http://www.ioles.com.br/boca

ISSN: 2675-1488

http://doi.org/10.5281/zenodo.4516688

BOLETIM DE CONJUNTURA

www.revista.ufrr.br/boca

HOMOFOBIA E VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA LÉSBICAS, GAYS, BISSEXUAIS E TRANSGÊNEROS NO BRASIL: REVISÃO INTEGRATIVA DE PUBLICAÇÕES (2010 – 2020)

Patrick Leonardo Nogueira da Silva[1]

Ana Clara Rodrigues Marques[2]

Angélica Ruas Moreira[3]

José Ronivon Fonseca[4]

Valdira Vieira de Oliveira[5]

Carolina dos Reis Alves[6]

Resumo

A homofobia corresponde a uma série de condutas, ações e sentimentos repulsivos em relação a pessoas homossexuais, bissexuais e, em alguns casos, contra transgêneros e pessoas intersexuais e é um grave problema de saúde pública. Durante a manifestação da homofobia, os sentimentos que imperam para exemplificar a definição do termo são a antipatia, o desprezo, o preconceito, a aversão e o medo irracional. Sendo assim, este estudo objetivou analisar a homofobia e a violência de gênero contra lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros no Brasil. Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, embasado em uma revisão integrativa da literatura. Foi realizado na Biblioteca Virtual de Saúde por meio das seguintes bases de dados online: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde, Banco de Dados em Enfermagem, Medical Literature Analysis and Retrieval System Online e Google Scholar. A amostra foi constituída de nove artigos após a aplicação dos critérios de elegibilidade. Foi utilizado um formulário semiestruturado como instrumento de coleta de dados. Conforme a amostra, a maioria dos participantes já pesquisados sofreu algum tipo de violência homofóbica. É abordada, principalmente, a violência psicológica, seguida pela violência física e sexual. A vulnerabilidade dos jovens é determinada pela série de atitudes tida pela família ao receber a revelação da orientação sexual, sendo estas: expulsões, perseguições e repreensão. A homofobia provoca auto-percepções negativas, impede a aquisição de hábitos de vida saudáveis e promove ideações suicidas. Portanto, faz-se necessário a intervenção por meio de uma equipe multiprofissional quanto ao acompanhamento da saúde destes adolescentes, bem como implementar leis rígidas contra estes indivíduos homofóbicos praticantes de atos ilícitos que atentam contra a vida de um ser humano. Na educação, deve-se atentar quanto ao Bullying praticado por estudantes, tendo em vista o início da violência e do sofrimento psicológico que o adolescente por vir a passar.

Palavras chave: Homofobia; Minorias; Violência de Gênero.

Abstract

Homophobia corresponds to a series of repulsive behaviors, actions and feelings towards homosexuals, bisexuals and, in some cases, transgenders and intersexuals and is a serious public health problem. During the manifestation of homophobia, the feelings that prevail to exemplify the definition of the term are antipathy, contempt, prejudice, aversion and irrational

[1] Enfermeiro e mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Cuidado Primário em Saúde da Universidade Estadual de Montes Claros (PPGCPS/UNIMONTES). E-mail: patrick_mocesp70@hotmail.com

[2] Acadêmica do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). E-mail: anaclararmarques@gmail.com

[3] Acadêmica do curso de graduação em Enfermagem da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). E-mail: angelicaruas333@gmail.com

[4] Enfermeiro, mestre em Cuidado Primário em Saúde e professor do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). E-mail: jose.fonseca@unimontes.br

[5] Enfermeira, mestre em Enfermagem e professora do Departamento de Enfermagem da Faculdade Santo Agostinho (FASA). E-mail: valdira_oliver@hotmail.com

[6] Enfermeira, doutora em Ciências da Saúde e Professora do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) e da Faculdade Santo Agostinho (FASA). E-mail: carolina.calreis@yahoo.com.br

fear. Thus, this study aimed to analyze homophobia and gender violence against lesbians, gays, bisexuals and transgender people in Brazil. It is a descriptive, exploratory study based on an integrative review of the literature. It was conducted at the Virtual Health Library through the following online databases: Latin American and Caribbean Literature in Health Sciences, Nursing Database, Medical Literature Analysis and Retrieval System Online and Google Scholar. The sample consisted of nine articles after the application of the eligibility criteria. A semi-structured form was used as a data collection tool. According to the sample, most of the participants already researched suffered some type of homophobic violence. Psychological violence, followed by physical and sexual violence, is mainly addressed. The vulnerability of the young people is determined by the series of attitudes taken by their families when they receive disclosure of their sexual orientation, which are: expulsions, persecutions, and reprehension. Homophobia causes negative self-perception, prevents the acquisition of healthy life habits, and promotes suicidal ideas. Therefore, it is necessary to intervene through a multiprofessional team to monitor the health of these adolescents, as well as to implement strict laws against these homophobic individuals who practice illicit acts that attack the life of a human being. In education, one must pay attention to the bullying practiced by students, in view of the beginning of violence and psychological suffering that the adolescent will go through.

Keywords: Homophobia; Minorities; Gender-based Violence.

INTRODUÇÃO

A homofobia corresponde a uma série de condutas, ações e sentimentos repulsivos em relação a pessoas homossexuais, bissexuais e, em alguns casos, contra transgêneros e pessoas intersexuais. Durante a manifestação da homofobia, os sentimentos que imperam para exemplificar a definição do termo são a antipatia, o desprezo, o preconceito, a aversão e o medo irracional. A homofobia é estudada como um comportamento crítico e agressivo, assim como a discriminação e a violência com base na concepção de que todo tipo de orientação sexual não-heterossexual é negativa (SILVA; FRANÇA, 2019).

O processo homofóbico apresenta manifestação por meio de diferentes vertentes com vários e diferentes tipos já registrados, entre os quais estão a homofobia interiorizada, homofobia social, homofobia emocional, homofobia racionalizada, além de outros. Há também idéias para classificar a homofobia, o racismo e o sexismo como um "transtorno de personalidade intolerante". Quanto às formas mais abordadas, está a homofobia institucionalizada (por exemplo, promovida por religiões ou pelo Estado); a lesbofobia (a homofobia como uma intersecção entre homofobia e sexismo contra as lésbicas); e a homofobia internalizada, sendo esta uma forma de homofobia entre as pessoas com afinidade por outras pessoas do mesmo sexo, independentemente de se assumirem como lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT) (RONDINI; TEIXEIRA FILHO; TOLEDO, 2017).

A violência contra pessoas LGBT pode ser arquitetada individualmente ou coletivamente, como por parte da aplicação de leis governamentais visando às pessoas que contrariam as regras da heteronormatividade (COUTO JUNIOR; OSWALD; POCAHY, 2018). Um crime movido pelo ódio inicia-se quando os indivíduos são vitimados tendo em vista a sua raça, etnia, religião, sexo, identidade de gênero ou orientação sexual. Crimes de ódio contra LGBT na maior parte das vezes ocorrem porque

os autores são homofóbicos, bifóbicos, transfóbicos, entre outros. A sociedade também é co-responsável pela disseminação desses sentimentos negativos (EFREM FILHO, 2017). Muitos grupos religiosos, bem como defensores de ideologias extremistas, condenam este tipo de relacionamento propagando o ódio no meio, de modo a defini-la a termos como: fraco, doente e moralmente errado. Este tipo de violência dirigida às pessoas LGBT pode ser de forma psicológica e física, incluindo o assassinato. Estas ações podem ser causadas por hábitos culturais, religiosos ou políticos e preconceitos (ROSELLI-CRUZ, 2011).

Em Maio de 2010, 76 países ainda criminalizavam atos sexuais consensuais entre adultos do mesmo sexo, sendo puníveis com a morte em sete países, sendo estes: Irão (desde 1979, o Governo executou mais 4000 pessoas acusadas de atos homossexuais), Mauritânia, Arábia Saudita, Sudão, Iémen e Zonas da Nigéria e Somália (MANTOVANI, 2019). O insulto homofóbico pode ir do bullying, difamação, injúrias verbais ou gestos e mímicas obscenos mais óbvios até formas mais sutis e disfarçadas, como a falta de cordialidade e a antipatia no convívio social, a insinuação, a ironia ou o sarcasmo, casos em que a vítima tem dificuldade em provar objetivamente que a sua honra ou dignidade foram violentadas (SOUZA; SILVA; FARO, 2019).

Sendo assim, este estudo objetivou analisar a homofobia e a violência de gênero contra lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros no Brasil por meio de uma revisão das publicações científicas de 2010 a 2020.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo, exploratório, do tipo revisão integrativa da literatura, realizada nas bases de dados online da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), sendo estas: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Banco de Dados em Enfermagem (BDENF), *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE) e Google Scholar. Quanto aos critérios de elegibilidade, foram adotados os seguintes critérios de inclusão para composição da amostra: (1) estudos gratuitos com disponibilização para download; (2) resumo disponibilizado na íntegra para leitura na língua portuguesa; (3) ser estudo original. Quanto aos critérios de exclusão, tem-se: (1) ser monografias, dissertações ou teses; (2) artigos oriundos do mesmo estudo. A captação dos artigos ocorreu durante o período de agosto de 2020 a setembro de 2020 pelo pesquisador responsável.

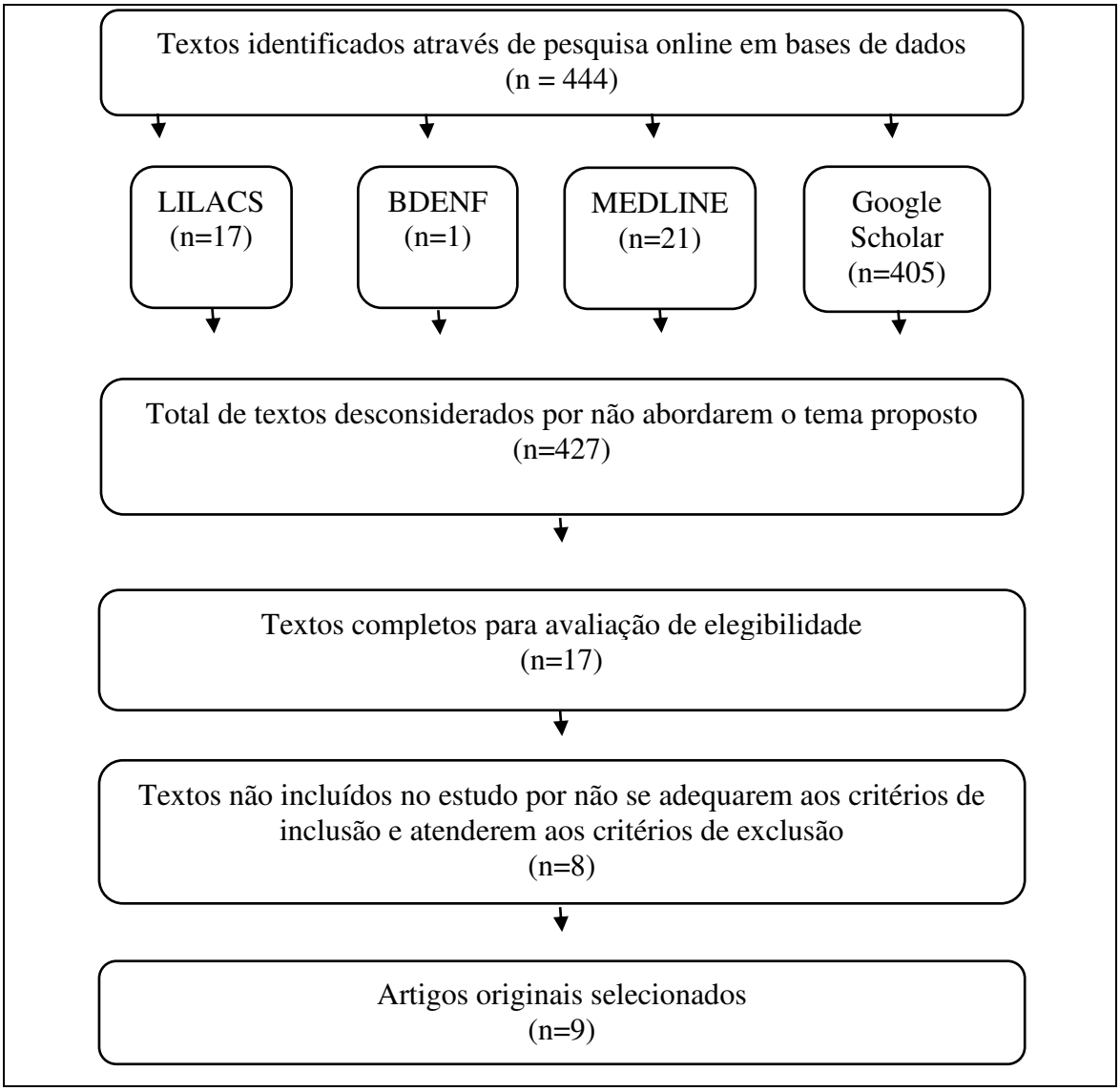
O levantamento da literatura científica foi realizado por meio de palavras-chaves presentes no site dos Descritores em Ciências da Saúde (DECS) (www.decs.bvs.br): “Homofobia”, “Violência de

gênero" e "LGBT". Durante a busca, os descritores foram dispostos em pares, sendo conectados por meio do operador booleano "AND".

Para a captação dos artigos, utilizou-se um formulário semiestruturado como instrumento de coleta de dados. Ainda, utilizou-se o Software PRISMA para a avaliação crítica dos artigos publicados. Dos 17 artigos selecionados para leitura completa, um não foi incluído por se tratar de publicação que não se refere à população brasileira; três por não fornecerem dados sólidos e relevantes; quatro por serem textos repetidos, seis por não se tratarem de artigos originais e três por serem teses.

Na seleção final, nove artigos foram avaliados conforme fluxograma que apresenta o percurso metodológico do processo de seleção dos artigos originais (Figura 1).

Figura 1 – Fluxograma do percurso metodológico de seleção de artigos



Fonte: Elaboração própria.

RESULTADOS

Os dados dos artigos selecionados e refinados por meio de busca online nas bases de dados da BVS e, após aplicação dos critérios de elegibilidade da pesquisa, foram analisados, interpretados, compilados e sintetizados conforme as seguintes variáveis: autor, ano de publicação, objetivo, metodologia, resultados e conclusão. Ainda, os dados foram representados esquematicamente por meio do Quadro 1.

Quadro 1 – Amostra de estudos após aplicação dos critérios de elegibilidade

Autor (Ano)	Objetivo	Metodologia	Resultados	Conclusão
Parente, Moreira e Albuquerque (2018)	Determinar o perfil de violência física perpetrada contra integrantes lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBTT).	Estudo transversal, quantitativo, realizado com integrantes LGBTT durante movimento social (Parada Gay) nos municípios de Juazeiro do Norte e Crato, Ceará, no mês de julho de 2013.	A maioria dos participantes pesquisados já sofreu algum tipo de violência de caráter homofóbico. Em primeiro lugar está a violência psicológica (78%), seguida pela violência física (31,3%) e sexual (18,4%).	É obrigação do Estado: garantir a efetivação de políticas públicas que afirmem os direitos humanos para toda a sociedade. E impedir as várias formas de intolerância e discriminação motivadas pela orientação sexual, por meio de medidas coercitivas.
Braga *et al*. (2018)	Analisar as experiências de adolescentes e jovens gays e lésbicas no processo de revelação da orientação sexual às suas famílias.	Estudo qualitativo realizado no interior do estado de São Paulo com 12 adolescentes e/ou jovens gays e lésbicas, com idades entre 14 e 24 anos.	A reação da família durante a revelação da orientação sexual e de forma, geralmente, violenta com expulsões, perseguições e repreensão. O que torna os jovens mais vulneráveis com impacto na saúde e qualidade de vida (QV) dos mesmos.	A família é um importante componente da rede de apoio social destes adolescentes e jovens, podendo potencializar a vulnerabilidade ou aumentar a resiliência, através do apoio social.
Fernandes *et al*. (2017)	Conhecer as percepções de jovens que se identificam como homossexuais ou bissexuais sobre violências vividas e identificar as possíveis relações com a vulnerabilidade ao *Human Immunodeficiency Virus/Acquired Immunodeficiency Syndrome* (HIV/AIDS).	Estudo qualitativo, descritivo, com uso da Teoria das Representações Sociais e do conceito de vulnerabilidade desenvolvido em um centro de controle de deficiências imunológicas com 13 jovens soroconvertidos entre 13 e 24 anos.	As violências sofridas na adolescência e início da juventude provocaram repercussões em aspectos da vida como bem-estar, relações interpessoais e familiares, autoconfiança e auto-proteção.	As agressões sexuais, familiares e institucionais são percebidas pelos jovens como mais vigorosas ou intensas do que o Bullying e o preconceito. As situações de violência associadas à paixão intensa tornaram o jovem mais vulnerável ao HIV/AIDS.

Natarelli *et al*. (2015)	Conhecer os tipos de violência sofrida por adolescentes homossexuais e compreender a influência da homofobia na saúde dessa população.	Estudo qualitativo realizado por meio de entrevistas semiestruturadas, com nove adolescentes homossexuais residentes em um município do interior de São Paulo.	Os tipos de violência relatados foram: física, verbal, psicológica e sexual. A homofobia provoca auto-percepções negativas, impede a aquisição de hábitos de vida saudáveis e promove ideações suicidas.	O adolescente homossexual encontra-se em situação de vulnerabilidade e são expostos a diferentes tipos de violência. A homofobia provoca quadros que caracterizam sofrimento mental e interfere na adoção de hábitos de vida saudáveis.
Mendes e Silva (2020)	Descrever as características dos homicídios de LGBT ocorridos no Brasil no período de 2002 a 2016, por meio de uma análise espacial.	Estudo quantitativo com utilização das taxas de homicídios de LGBT para facilitar a visualização da distribuição geográfica dos homicídios.	As vias públicas e as residências das vítimas são os lugares mais comuns das ocorrências dos crimes. As armas brancas são as mais usadas no acometimento contra homossexuais masculinos e as armas de fogo para transgêneros, mas ainda é comum os espancamentos, asfixia e outras crueldades com as vítimas. As vítimas estão na faixa etária entre 20 a 49 anos e tendem a ser brancas ou pardas. As regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste apresentaram as taxas de homicídios de LGBT acima da nacional, justamente as regiões com IDH mais baixos.	Os homicídios contra LGBT são, em geral, "crimes de ódio" e um grave problema de saúde pública por vitimizar jovens, principalmente os transgêneros. Esses crimes precisam ser enfrentados pelo poder público, que se inicia pela criminalização da homofobia e de elaboração de políticas públicas que diminuam a cultura do ódio e disseminem o respeito à diversidade.
Albuquerque *et al.* (2016)	Determinar o perfil de violência psicológica perpetrada contra Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTT) no interior cearense	Estudo transversal, de abordagem quantitativa. Os dados foram coletados durante movimentos reivindicatórios LGBTT (Parada Gay) promovidos em junho de 2013 e contou com 316 participantes.	Entre os principais tipos de violência psicológica perpetradas estão os insultos proferidos por pessoas que se encontram fisicamente distantes (77,5%), seguidos de insultos proferidos por indivíduos que estão próximos (74,7%), e por pressões para alterar a orientação sexual (67,1%).	A violência psicológica é um Fenômeno complexo e multidimensional, reflexo do preconceito e hostilidade direcionados às expressões de sexualidade não heteronormativas, trata-se também de um problema de saúde pública.
Gois e Soliva (2011)	Examinar diferentes formas de violência	Estudo qualitativo realizado com 20	Cerca de 20% dos entrevistados já	As situações de violência homofóbica

	cometidas contra jovens gays.	jovens universitários homossexuais do sexo masculino.	sofreram ao algum tipo de violência física na escola. A violência psicológica também foi recorrente e se apresenta pela repetição cotidiana de xingamentos e exclusão de atividades de lazer. Os ataques desencadeiam comportamentos autodestrutivos às vítimas.	na escola foram geralmente desencadeadas pela identificação de características femininas no comportamento. A partir disso, as agressões sofridas conduziram a problemas emocionais e físicos. As instituições de educação básica são tidas como o ambiente onde ocorrem as primeiras agressões.
Souza *et al.* (2015)	Discutir as violências vivenciadas nas trajetórias percorridas pelas travestis (família, escola, delegacias, serviços de saúde), procurando, sobretudo, compreender como tais violências estão relacionadas às experiências nos serviços de saúde e como os serviços de saúde por elas acessados reagiram às violências.	Pesquisa qualitativa que buscou se aproximar do fazer etnográfico, procurando, acima de tudo, as concepções das interlocutoras sobre a violência	No trabalho de campo, foi observada desde o início a exposição das travestis à situações constantes de agressão física. São também vítimas de agressões verbais em vários ambientes, como família, escola, pontos de prostituição e espaços públicos.	As formas de violência sofridas pelas travestis têm impacto relevante em sua condição de saúde. Há um afastamento não apenas da família nuclear e seu suporte material e afetivo, mas também de escolas e serviços de saúde e como consequência, os efeitos nos indivíduos participantes do estudo incluem depressão, tentativa de suicídio, ferimentos e outros tipos de agravos.
Silva *et al.* (2016)	Analisar a partir do perfil sociodemográfico as situações de violência contra travestis e transexuais	Pesquisa transversal, descritiva, composta por 16 travestis e transexuais, realizada em Cajazeiras (PB).	As principais formas de violência contra travestis e transexuais foram: verbal (91,9%), psicológica (58,3%) e física (33,3%), ocorridas entre 24 horas e seis meses anteriores à pesquisa. A rua, a escola e os serviços de saúde fazem parte dos cenários das agressões. Vizinhos, membros da família e profissionais de saúde configuram-se como agressores.	Percebe-se um silenciamento e invisibilidade das agressões sofridas pela população de travestis e transexuais, refletindo a inibição dos direitos humanos e um encobrimento da realidade vivenciada por essa população. Faz-se necessária a implantação de redes de atenção à saúde à este grupo com o objetivo de inseri-lo de forma saudável na comunidade de forma a desconstruir estigmas e proporcionar melhor QV.

Fonte: Elaboração própria.

DISCUSSÃO

As principais formas de violência mais prevalentes mais enfrentadas pela população LGBT são: psicológica, física e sexual, respectivamente (PARENTE *et al*., 2018). A agressão psicológica é apoiada na formulação de uma concepção estrutural prévia da sociedade, expressa por meio de atitudes negativistas, tais como insultos, ameaças e perseguições (ALBUQUERQUE *et al*., 2016). A agressão física, por sua vez, é direcionada ao corpo do indivíduo e se caracteriza pela presença de lesões corporais oriundas de empurrões, tapas e, em casos mais extremos, pelo uso de armas brancas ou armas de fogo (PARENTE *et al*., 2018). A violência sexual é definida como uma ação na qual um indivíduo coage outro a realizar ou presenciar, contra a sua vontade, alguma forma de interação sexual. Pode-se citar o estupro, o assédio e qualquer outro tipo de prática erótica não consentida para exemplificar esta forma de violência (BRASIL, 2011). Ressalta-se que os danos psicológicos gerados na vítima são permanentes, de modo que a mesma apresentará dificuldades quanto à socialização dentro e fora do ambiente familiar.

Uma provável explicação para os episódios de agressão direcionados à população LGBT seria que a afinidade com outros indivíduos do mesmo gênero promova a segregação de uma idealização social heteronormativa, uma vez que os mesmos fogem de papéis sexuais e sociais culturalmente padronizados, de modo que uma pessoa deve constituir família, bem como descendentes (ALBUQUERQUE *et al*., 2016). Ademais, a violência é vista pelo agressor como uma forma de trazer a vítima de volta a "normalidade" (SOLIVA, 2010). Apesar de esse grupo lutar contra o preconceito e exigir os seus direitos, há ainda uma oposição a essas demandas por parte da sociedade, a carência de políticas públicas de proteção viabiliza a perpetração e a naturalização das violências direcionadas a este público (ALBUQUERQUE *et al*., 2016; SANTOS *et al*., 2018).

O conjunto das violências enfrentadas possui um forte potencial de degradação da QV do sujeito e podem deixar marcas profundas, elas agem como fator de segregação e sofrimento que torna o indivíduo mais vulnerável (PARENTE *et al*., 2018; FERNANDES *et al*., 2017). Os episódios de violência geram quadros de grande sofrimento psíquico e estão associados à depressão, ansiedade, ideação e tentativa de suicídio e isolamento social (SOLIVA, 2010; NATARELLI *et al*., 2015). Além disso, jovens que não possuem sua orientação sexual aceita na família buscam afeto fora dela, e como consequência apresentam grande potencial de entrega, o que os torna mais susceptíveis a ações de risco, tal como a contração do HIV/AIDS (FERNANDES *et al*., 2017). Outra implicação é a limitação da liberdade imposta pelos pais aos filhos após o conhecimento da orientação sexual dos mesmos, como forma de restringir a sua sexualidade (SOLIVA, 2010; BRAGA *et al*., 2018).

Em relação aos cenários dos episódios de ódio, as minorias sexuais estão vulneráveis, independente do espaço onde estejam (PARENTE *et al*., 2018). A maioria das vítimas possui um longo histórico de violência no meio familiar e institucional. As agressões, muitas vezes, são praticadas na escola, onde geralmente se iniciam, e em locais de oração em nome da religião (FERNANDES *et al*., 2017; GOIS; SOLIVA, 2011). Elas também estão presentes nos serviços de saúde e são decorrentes do despreparo que os profissionais têm em tratar esse público, os atendimentos na maioria dos casos são descritos como rápidos e superficiais (NATARELLI *et al*., 2015). Quanto aos agressores, os principais responsáveis são pessoas desconhecidas que passam pelas ruas, seguido por amigos, familiares e ex-companheiros (PARENTE *et al*., 2018).

Souza *et al*. (2015) e Silva *et al.* (2016) abordam a violência sofrida por travestis em diversos contextos da vida que provocam impacto relevante em sua condição de saúde. Há um afastamento não apenas da família nuclear e seu suporte material e afetivo, mas também de escolas e serviços de saúde (SOUZA *et al*., 2015). Como consequência, os efeitos nos indivíduos incluem depressão, tentativa de suicídio, ferimentos e agravos dos mais diversos (SOUZA *et al*., 2015; SILVA *et al*., 2016). A agressão física é um fator comum na vida de travestis, que ao procurarem atendimento em delegacias de polícia encontram um desdobramento da violência (SOUZA *et al*., 2015). Comumente denúncias de violência não são realizadas porque apesar de serem vítimas, as mesmas tornam-se as agressoras nos boletins de ocorrência e seus relatos não são tidos como verdadeiros (SILVA *et al*., 2016).

A discriminação também é encontrada durante a procura por assistência em saúde. Os serviços não põem um fim no ciclo de violência, pelo contrário, muitos transtornos são relatados no atendimento prestado, como a falta de conhecimento dos profissionais, a ineficácia na resolução dos problemas, o ato de tratar o paciente pelo nome de registro e olhares, falas e gestos que sugerem um julgamento moral às vítimas. Apesar da existência de documentos jurídicos que assegurem direitos a esses indivíduos, na prática não há aplicação, o que provoca uma desistência na procura por serviços e cuidados de saúde (SILVA *et al*., 2016).

Apesar de em 2019 o Brasil ter se tornado o 43º país a permitir a criminalização da homofobia e da transfobia ao enquadrar atos de preconceito contra homossexuais e transexuais no crime de racismo (BBC, 2019), ainda há muito que fazer para a garantia dos direitos das minorias sexuais. Os serviços e profissionais de educação, saúde e assistência social podem atuar como facilitadores desse processo, por meio da desconstrução de padrões discriminatórios, do reconhecimento das violências e oferta de suporte às vítimas (BRAGA *et al*., 2018). Destaca-se, portanto, a necessidade de capacitação e humanização desses profissionais para captarem sinais da violência sofrida e proporcionar atendimento

humanizado e de qualidade a essa população (DANTAS *et al*., 2016; SANTOS *et al*., 2018; SILVA *et al*., 2016).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A homofobia e a violência de gênero contra a população LGBT apresentam preditivos conceituais que se encontram enraizados na cultura machista da sociedade. Pode-se observar por meio deste estudo que os jovens e os adolescentes apresentam uma maior condição de vulnerabilidade em decorrência de todas as mudanças oriundas desta fase. O adolescente fica mais predisposto a todos os riscos impostos pela sociedade. O pensamento de solidão decorrente da não aceitação da família o impulsiona a fazer escolhas equivocadas com consequências irreversíveis. A família configura o principal alicerce do indivíduo, porém algumas delas advêm de uma criação conservadora cujo qual a homossexualidade de um membro ou descendente não seria aprovado ou aceito, de modo que muitos optam internalizar esta vontade e sofrer calado no intuito de não ter a reprovação da própria família. Ressalta-se que esse quadro pode levar o indivíduo à depressão ou a cometer um atentado contra sua própria vida.

Ainda, observa-se por meio deste estudo que as leis ainda são frágeis quanto à defesa e o amparo da população LGBT. Ainda não há o devido investimento nas políticas públicas de saúde da população LGBT, deixando-os a mercê dos diversos tipos de violência das pessoas e grupos homofóbicos. Estes, por sua vez, incitam o ódio e a morte de homossexuais os vendo como ameaças dentro da sociedade. Portanto, faz-se necessário a intervenção por meio de uma equipe multiprofissional quanto ao acompanhamento da saúde destes adolescentes, bem como implementar leis rígidas contra estes indivíduos homofóbicos praticantes de atos ilícitos que atentam contra a vida de um ser humano. Na educação, deve-se atentar quanto ao Bullying praticado por estudantes, tendo em vista o início da violência e do sofrimento psicológico que o adolescente por vir a passar. O trabalho com a família também se faz essencial em decorrência do suporte familiar que este indivíduo precisa para a sua superação.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, G. A. *et al.* "Violência psicológica em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do Ceará, Brasil". **Saúde em Debate**, vol. 40, n. 109, 2016.

BRAGA, I. F. et al. "Family violence against gay and lesbian adolescents and young people: a qualitative study". **Revista Brasileira de Enfermagem**, vol. 71, n. 3, 2018.

BRASIL. **Viva: instrutivo de notificação de violência doméstica, sexual e outras violências**. Brasília: MS, 2011. Disponível em: <https://crianca.mppr.mp.br>. Acesso em: 7/10/2020.

BBC - British Broadcasting Corporation. "STF aprova a criminalização da homofobia". **BBC** [12/02/2019]. Disponível em: <https://www.bbc.com>. Acesso em: 8/10/2020.

COUTO JUNIOR, D. R.; OSWALD, M. L. M. B.; POCAHY, F. A. "Gênero, sexualidade e juventude(s): problematizações sobre heteronormatividade e cotidiano escolar". **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, vol. 18, n. 1, 2018.

EFREM FILHO, R. "Os Meninos de Rosa: sobre acidente e algozes, crime e violência". **Cadernos PAGU**, n. 51, 2017.

FERNANDES, H. *et al.* "Violência e vulnerabilidade ao HIV/AIDS em jovens homossexuais e bissexuais". **Acta Paulista de Enfermagem**, vol. 30, n. 4, 2017.

GOIS, J. B. H.; SOLIVA, T. B. "A violência contra gays em ambiente escolar". **Revista Espaço Acadêmico**, vol. 11, n. 123, 2011.

MANTOVANI, F. "Relação homossexual é crime em 70 países, mostra relatório mundial". **Folha de São Paulo** [20/3/2019]. Disponível em: <https://www.folha.uol.com.br>. Acesso em: 8/10/2020.

MENDES, W. G.; SILVA, C. M. F. P. "Homicídios da população de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgêneros (LGBT) no Brasil: uma análise espacial". **Ciência & Saúde Coletiva**, vol. 25, n. 5, 2020.

NATARELLI, T. R. P. *et al.* "O impacto da homofobia na saúde do adolescente". **Escola Anna Nery**, vol. 19, n. 4, 2015.

PARENTE, J. S.; MOREIRA, F. T. L. S.; ALBUQUERQUE, G. A. "Violência física contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do nordeste brasileiro". **Revista de Salud Pública**, vol. 20, n. 4, 2018.

RONDINI, C. A.; TEIXEIRA FILHO, F. S.; TOLEDO, L. G. "Concepções homofóbicas de estudantes do ensino médio". **Psicologia USP**, vol. 28, n. 1, 2017.

ROSELLI-CRUZ, A. "Homossexualidade, homofobia e agressividade do palavrão: seu uso na educação sexual escolar". **Educar em Revista**, n. 39, 2011.

SILVA, G. W. S. et al. "Situações de violência contra travestis e transexuais em um município do nordeste brasileiro". **Revista Gaúcha de Enfermagem**, vol. 37, n. 2, 2016.

SILVA, S. G.; FRANCA, A. N. "Vidas precárias: a performatividade na constituição das violências fóbicas em gêneros e sexualidades". **Psicologia: Ciência e Profissão**, vol. 39, n. 3, 2019.

SOLIVA, T. B. "Família e homossexualidade: uma análise da violência doméstica sofrida por jovens homossexuais". **Anais do I Fazendo Gênero 9 – Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**. Florianópolis: UFSC, 2010.

SOUZA, J. M.; SILVA, J. P.; FARO, A. "Bullying e homofobia: aproximações teóricas e empíricas". **Psicologia Escolar e Educacional**, vol. 19, n. 2, 2015.

SOUZA, M. H. T. *et al.* "Violência e sofrimento social no itinerário de travestis de Santa Maria, Rio Grande do Sul, Brasil". **Cadernos de Saúde Pública**, vol. 31, n. 4, 2015.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano III | Volume 5 | Nº 14| Boa Vista |2021

http://www.ioles.com.br/boca

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima